

Empresário defende a aplicação do choque

30 JUN 1989

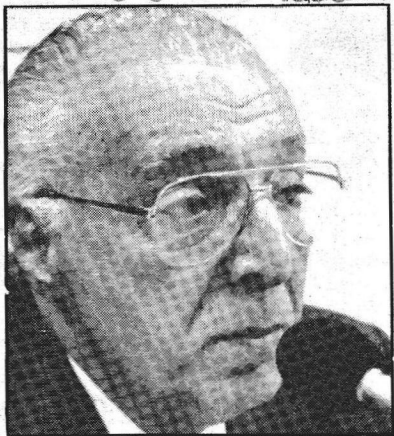
Arquivo 27.4.87

O presidente da Confederação Nacional das Associações Comerciais, César Rogério Valente, foi o primeiro representante do empresariado a defender ontem, perante os membros do pacto de transição, a imediata reedição de um choque econômico, nos moldes do Plano Verão, como única alternativa para derrubar a hiperinflação até as eleições presidenciais. Falando em nome de 1.300 médias e pequenas empresas, Valente argumentou que um plano econômico que resolvesse os problemas estruturais do País só será eficiente com a confiabilidade e credibilidade do novo presidente eleito, e até lá, é necessário um choque emergencial, nem que seja paliativo.

"Até agora não tivemos nenhum plano econômico sério, só planos políticos. Para derrubar uma inflação de 30% e a hiperinflação, aceitamos ser mais uma vez violentados com o congelamento de preços e assim obtermos uma sobrevida de mais uns três ou quatro meses", defendeu o empresário.

César Valente diz concordar com o presidente da Fiesp, Mário Amato, que durante uma das reuniões do pacto alertou que a população não apoiaria mais um plano heterodoxo, com congelamento de preços e salários.

Mas lembrou que em janeiro, na época da divulgação do Plano Verão, igualmente não havia credibilidade por parte da população, ainda assim as medidas foram concretizadas, e no mês seguinte a inflação de 30% havia sido debelada. "A população não acreditou, mas mesmo assim permitiu que o plano



Choque: as opiniões divergem

tivesse uma sobrevida de quatro meses, período em que não houve desemprego e a economia caminhou".

O sindicalista Joaquim dos Santos Andrade, representante da dissidência da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), também participou da reunião. Ele considerou importante a sugestão do empresário César Valente, mas diverge em relação ao tratamento que seria dado ao pagamento da dívida externa, na hipótese de um novo choque. Joaquinzão lembrou que o Plano Cruzado só alcançou uma maior longevidade, ao contrário dos Planos Bresser e Verão, porque o governo suspendeu o pagamento dos serviços da dívida externa. César Valente discorda e contrargumenta dissendo que a raiz da crise econômica no déficit público brasileiro.